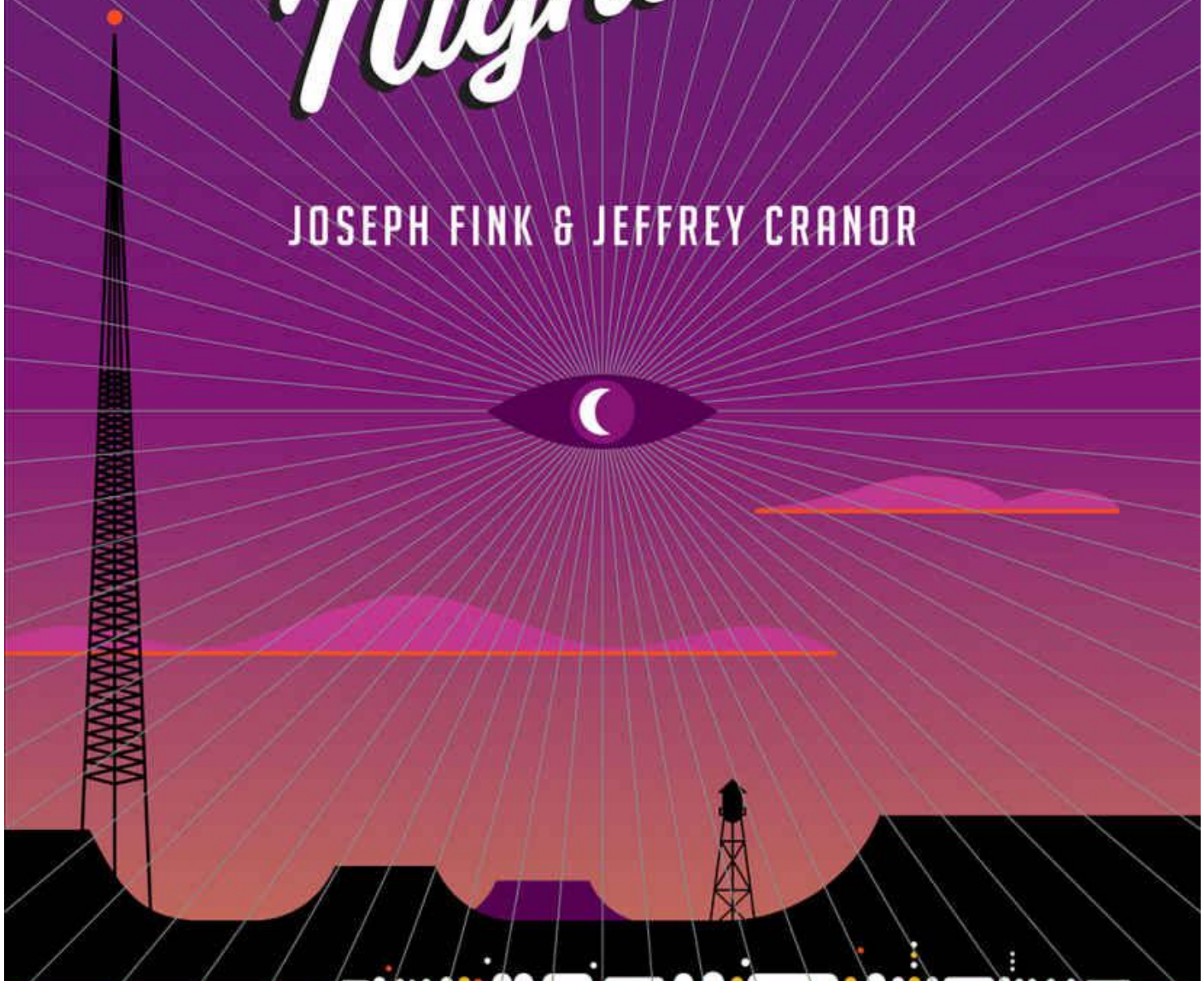


# Welcome to Night Vale

JOSEPH FINK & JEFFREY CRANOR



“Brilhante, hilário e maravilhosamente excêntrico. Quero me mudar para Night Vale!”

RANSOM RIGGS, AUTOR DA SÉRIE  
O LAR DA SRTA. PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES

# Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

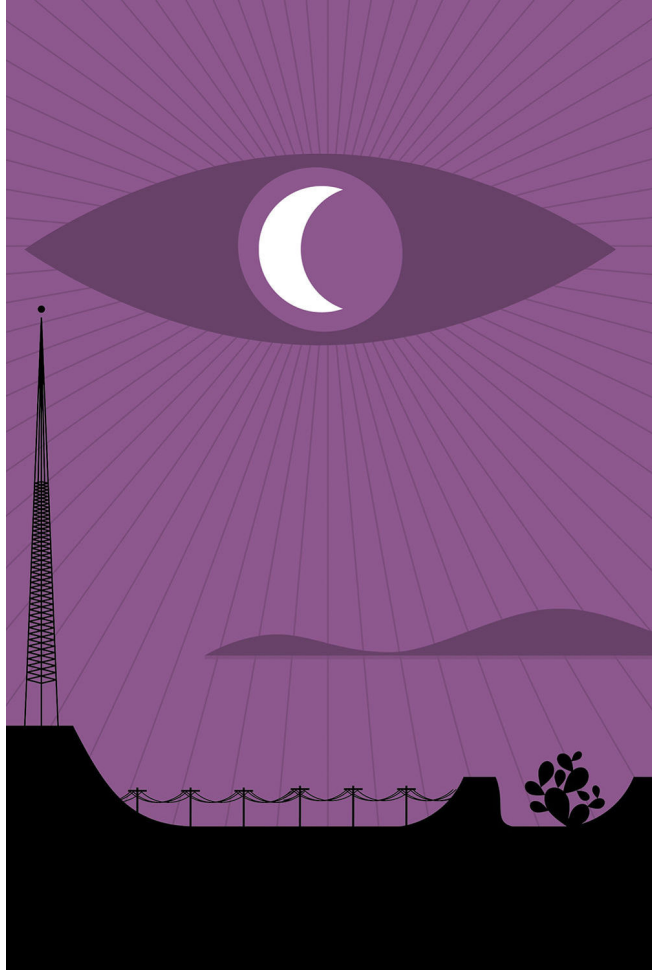
50

[Como ouvir o podcast Welcome to the Night Vale](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre os autores](#)

[Leia também](#)



# *Welcome to Night Vale*

JOSEPH FINK & JEFFREY CRANOR

TRADUÇÃO DE JOANA FARO



Copyright © 2015 by Joseph Fink e Jeffrey Cranor

TÍTULO ORIGINAL  
Welcome to Night Vale

PREPARAÇÃO  
Mariana Moura

REVISÃO  
Giuliana Alonso  
Juliana Werneck

REVISÃO TÉCNICA  
Isadora Prospero

IMAGENS DE CAPA E MIOLO  
Rob Wilson

ARTES DO MIOLO  
Julio Moreira | Equatorium Design

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Julio Moreira | Equatorium Design

REVISÃO DE EPUB  
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB  
Intrinseca

E-ISBN  
978-85-8057-903-1

Edição digital: 2016

1ª edição

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



*Para Meg Bashwiner e Jillian Sweeney*



*A história da cidade de Night Vale é longa e complicada, remontando a milhares de anos, quando os primeiros povos indígenas surgiram no deserto. Mas não vamos falar sobre nada disso aqui.*

*Basta dizer que é uma cidade como qualquer outra: tem uma prefeitura, uma pista de boliche (o Complexo Recreativo de Boliche e Fliperama Flor do Deserto), uma lanchonete (a Madrugada Enluarada), um supermercado (Ralphs) e, claro, uma estação de rádio comunitária que transmite todas as notícias que os cidadãos têm permissão de ouvir. Por todos os lados é cercada por um vasto deserto, plano e ermo. Talvez seja muito parecida com sua cidade. Talvez seja mais parecida com sua cidade do que você gostaria de admitir.*

*É uma amistosa comunidade do deserto, onde o sol é quente, a lua é linda e misteriosas luzes atravessam o céu enquanto todos fingem dormir.*

*Bem-vindo a Night Vale.*



Em Night Vale, as lojas de penhores funcionam da seguinte forma:

Primeiro, você precisa de um item para penhorar.

Para obtê-lo, é necessário deixar passar muito tempo, anos vivendo e existindo, até chegar ao ponto em que você acredita na própria existência, na existência daquele objeto, no conceito de propriedade e no fato de que, por mais improváveis que sejam, essas crenças absurdas se alinham de forma a configurar sua posse sobre um item.

Bom trabalho. Muito bem.

Em segundo lugar, após acreditar que possui um item, você deve chegar ao ponto de precisar mais de dinheiro do que do item. Esse é o passo mais fácil. Basta possuir um item e um corpo com necessidades e esperar.

A única loja de penhores na cidade de Night Vale é gerenciada pela jovem Jackie Fierro. O estabelecimento não tem nome, mas, se precisar dele, saberá onde encontrá-lo. Essa informação chegará de repente, em geral no chuveiro. Você vai cair de quatro, cercado por uma forte escuridão cintilante, a água quente escorrendo pelo corpo, e saberá onde fica a loja de penhores. Vai notar o cheiro de mofo e sabão e sentir uma pontada de pânico ao se dar conta da própria solidão. Será como a maioria dos banhos que já tomou.

Antes de oferecer um item à Jackie é necessário lavar as mãos, por isso há tigelas de água filtrada por toda a loja. É preciso cantarolar enquanto lava as mãos. Claro, sempre se deve cantarolar ao lavar as mãos. Afinal, é uma questão de higiene.

Quando estiver adequadamente purificado, você colocará o item no balcão, e Jackie vai analisá-lo.

Jackie vai estar com os pés no balcão. Ela vai se recostar.

— Onze dólares — dirá.

Jackie sempre dirá “onze dólares”. Você não vai responder. Na verdade, você é desnecessário nesse processo. Completamente desnecessário.

— Não, não — dirá ela, agitando a mão.

E aí dará o preço real. Em geral, é dinheiro. Às vezes são outras coisas: sonhos, experiências, visões.

Então você vai morrer, mas só por um tempinho.

O item receberá uma etiqueta de preço. Onze dólares. Tudo na loja de penhores custa o mesmo preço, não importa quanto Jackie lhe ofereceu pelo item.

Quando não estiver mais morto, ela vai lhe entregar um recibo, que mais tarde você poderá trocar pelo item, ou para o qual poderá olhar a qualquer momento e se lembrar do item. Lembrar-se do item é de graça.

Agora você vai deixar esta história. Você foi apenas um exemplo e, de qualquer maneira, talvez seja mais seguro não participar dela.

\* \* \*

Jackie Fierro olhou para o estacionamento pela vitrine. Estava vazio. Ia fechar a loja em breve. Relativamente falando, ela estava sempre fechando em breve, e também sempre acabando de abrir.

Pela vitrine via-se o estacionamento, depois o deserto e o céu, quase vazio, com algumas estrelas. Do balcão, tudo aquilo era distante, igualmente inalcançável.

Ela tinha acabado de fazer dezenove anos. Tinha acabado de fazer dezenove anos desde sempre. A loja de penhores lhe pertencia havia muito tempo, talvez séculos. Relógios e calendários não funcionam em Night Vale. O próprio tempo não funciona.

Durante todos os anos que passou como a jovem proprietária da loja de penhores, Jackie só deixava a loja na hora de fechá-la e

depois ia para seu apartamento, onde se sentava com os pés na mesinha de centro e ouvia a rádio comunitária e o canal de notícias local. Com base no que as notícias lhe diziam, o mundo exterior era um lugar perigoso. Sempre havia algum cataclismo apocalíptico ameaçando Night Vale. Cachorros ferozes. Uma brilhante nuvem senciente com o poder de controlar mentes (embora a Nuvem Brilhante tenha se tornado menos ameaçadora desde sua eleição para o Conselho Escolar). Portas antigas de carvalho que levavam a uma dimensão estranha e deserta na qual a atual prefeita ficara presa durante alguns meses. Parecia mais seguro não ter amigos ou hobbies. Então ela ficava na loja, concentrada, fazendo seu trabalho, e depois ia direto para casa, onde tomava copos e mais copos de suco de laranja e ouvia o rádio, protegida de qualquer coisa que pudesse perturbar aquela rotina.

Os dias se passavam em silêncio, quase vazios, com alguns pensamentos. Em certos dias ela recatalogava o inventário. Em outros, tirava o pó das prateleiras. Mas sempre se sentava e pensava. Tentava se lembrar do dia em que assumiu a loja. Esse dia devia ter existido, mas ela não conseguia recordar os detalhes. Fazia aquilo havia décadas. Era muito jovem. Ambas as afirmações eram verdadeiras.

Ela sabia que era comum pessoas de dezenove anos irem para a faculdade. Também sabia que era comum jovens da idade dela estarem desempregados devido ao mercado de trabalho desfavorável e morarem na casa dos pais. Jackie estava satisfeita por não fazer nem uma coisa nem outra, então continuava eternamente na loja de penhores.

Ela entendia o mundo e seu lugar nele. Entendia o nada. O mundo e seu lugar nele não significavam nada, e ela sabia disso.

Como Night Vale não tinha horário comercial, Jackie seguia sua intuição sobre a hora de fechar a loja. Quando a sensação vinha, não tinha jeito: as portas precisavam ser trancadas, removidas dos batentes e enterradas em um lugar seguro.

A sensação veio. Ela tirou os pés do balcão. Fora um ótimo dia de trabalho.

A velha Josie, que morava perto do estacionamento, havia aparecido com vários flamingos de plástico baratos. Ela os levava em um grande saco de lona e os despejara no balcão como se fossem moedas.

— Não é por mim que abro mão destes pequeninos — disse Josie, dirigindo-se com uma voz firme e formal a uma parede nua vários metros à direita de Jackie, fazendo de vez em quando um gesto amplo com a mão. — Mas pelo futuro.

Josie se calou, a palma ainda estendida. Jackie chegou à conclusão de que o discurso tinha acabado.

— Tudo bem, cara, pago onze dólares — ofereceu ela.

A velha Josie estreitou os olhos para a parede nua.

— Ah, está bem — consentiu Jackie, cutucando um dos flamingos e olhando para a frágil barriga de plástico. — Que tal uma boa noite de sono?

A velha Josie deu de ombros.

— Aceito.

Uma boa noite de sono era uma oferta extremamente generosa. Os flamingos não tinham valor algum, mas eram muitos, e Jackie não se conteve. Ela nunca recusava um item.

— Cuidado para não tocá-los diretamente — alertou Josie, quando deixou de estar morta.

Usando um pedaço de pano, Jackie colocou os flamingos lado a lado na prateleira, cada um etiquetado com o preço de onze dólares. *A maioria das coisas não devia mesmo ser tocada*, pensou.

— Tchau, querida — disse Josie, pegando o recibo que Jackie preencheria. — Apareça lá em casa um dia desses para conversar com os anjos. Eles têm perguntado por você.

Os anjos moravam com a velha Josie em sua pequena casa de condomínio em um condomínio que não existia mais, deixando-a isolada nos limites da cidade. Os anjos faziam algumas tarefas para

ela, e Josie obtinha uma modesta renda vendendo itens tocados por eles. Ninguém entendia por que os anjos moravam com ela. Sabia-se muito pouco sobre os anjos. Apenas algumas coisas.

Claro, anjos não existem. É ilegal cogitar sua existência ou sequer lhes dar um dólar quando eles esquecem o dinheiro do ônibus e começam a pairar pelo Ralphs pedindo trocados. A grande hierarquia celeste é um sonho tolo e, de qualquer forma, os cidadãos de Night Vale são proibidos de saber sobre ela. Todos os anjos da cidade moram com Josie perto do estacionamento. Não existem anjos em Night Vale.

Por volta de meio-dia, Jackie havia adquirido um carro. Era uma Mercedes com poucos anos de uso, oferecida com urgência por um rapaz de terno risca de giz cinza e sujo de terra. Foi impressionante ele ter conseguido colocar o carro no balcão, mas para tudo há um método, e o carro precisava ficar no balcão. Ele lavou as mãos e cantarolou. A água ficou marrom-avermelhada.

Ela o convenceu a aceitar cinco dólares em vez dos onze de costume, e ele riu quando pegou o dinheiro e o recibo.

— Não tem a menor graça — explicou ele, rindo mais.

E, no fim da tarde — quase na hora de fechar, segundo a intuição de Jackie —, uma mulher chamada Diane Crayton entrou na loja.

— Posso ajudá-la?

Jackie não sabia por que tinha feito aquela pergunta, pois raramente cumprimentava os clientes.

Ela conhecia Diane. A mulher organizava os eventos beneficentes da Associação de Pais e Professores, a APP. Às vezes, Diane aparecia para distribuir panfletos que diziam coisas como “Arrecadação de fundos da APP para a escola de ensino médio de Night Vale! Ajude a dar aos jovens a educação aprovada pelo município que eles merecem. Seu apoio é obrigatório e apreciado!”.

Na mente de Jackie, Diane era o tipo de mulher que seria uma mãe ativa na APP, com seu rosto gentil e suas roupas confortáveis.

Ela também achava que Diane podia trabalhar com empréstimos bancários, considerando a maquiagem conservadora e o ar sério. E que pareceria uma farmacêutica se usasse um jaleco branco, uma máscara de gás e botas de plástico.

Para Jackie, Diane parecia uma porção de coisas. Sobretudo uma pessoa perdida tanto no espaço quanto no tempo.

A mulher tirou um lenço da bolsa. Com a mesma expressão superior e distante, derramou uma única lágrima no tecido.

— Gostaria de oferecer isto — disse ela, enfim olhando para Jackie.

Jackie avaliou o lenço. A lágrima secaria em breve.

— Onze dólares.

— Aceito — respondeu Diane.

Os braços dela, antes pendentes, foram na direção da bolsa.

Jackie pegou o lenço molhado com a lágrima e entregou o recibo e o dinheiro a Diane.

Após sua breve morte, ela agradeceu e saiu às pressas da loja. Jackie afixou a etiqueta de onze dólares no lenço e o colocou em uma prateleira.

Fora um ótimo dia de trabalho. Jackie virou a placa da porta de ABERTO para FECHADO e apoiou a mão na janela, deixando uma marca no vidro como se dissesse “Pare”, “Venha aqui”, “Olá”, “Socorro” ou talvez apenas “Eu estou aqui. Esta mão, pelo menos, é real”.

Ela baixou os olhos para arrumar os itens no balcão. Quando ergueu o rosto, o homem estava ali.

Ele usava um paletó bege e carregava uma pasta de couro de veado. Tinha traços humanos normais, dois braços e duas pernas. Talvez tivesse cabelo, ou talvez estivesse usando um chapéu. Tudo parecia normal.

— Olá — cumprimentou ele. — Meu nome é Everett.

Jackie gritou. O homem era perfeitamente normal. Ela gritou.

— Desculpe — disse ele. — A loja está fechada?

— Não, está tudo bem. Posso ajudá-lo?

— Espero que sim.

Ela ouviu um zumbido. Estava vindo da boca do homem?

— Tenho um item que gostaria muito de penhorar.

— Eu... — começou Jackie, e agitou a mão para indicar tudo o que poderia ter dito em seguida.

Ele assentiu para a mão dela.

— Obrigado pela ajuda. Eu já me apresentei?

— Não.

— Ah, desculpe. Meu nome é Emmett.

Eles se cumprimentaram com um aperto de mão. A dela continuou a apertar mesmo depois que ele soltou.

— Bem, aqui está o item.

O homem colocou um pedacinho de papel no balcão. Nele, escritas com um lápis mal apontado, estavam as palavras “KING CITY”. A caligrafia era trêmula e borrada, e o lápis fora pressionado com força. Ela não conseguia desviar o olhar, embora não identificasse o que aquele papel tinha de especial.

— Interessante — comentou Jackie.

— Não, não muito — replicou o homem de paletó bege.

O homem lavou as mãos e cantarolou em voz baixa, e Jackie se forçou a se recostar e colocar os pés no balcão. Para tudo há um método. Ela olhou algumas vezes para o rosto do homem, mas percebeu que esquecia sua fisionomia no instante em que desviava os olhos.

— Onze dólares — anunciou.

O homem continuou a cantarolar, e mais vozes se juntaram à dele. Ao que parecia, vinham da pasta de couro de veado.

— De onde veio isto? — perguntou ela. — Por que está me oferecendo este papel? O que vou fazer com ele?

A voz dela saiu alta e estridente. Não se parecia em nada com sua voz.

O homem começou a harmonizar com as vozes da pasta. Parecia não registrar as perguntas de Jackie.

— Não, não, sinto muito — retrucou ela, ciente de que estava negociando mal, mas incapaz de parar. — Eu me enganei. Trinta dólares e uma teoria sobre o tempo.

— Fechado — respondeu o homem, sorrindo.

Aquilo era um sorriso?

Ela lhe deu trinta dólares e contou sua teoria sobre o tempo.

— Que interessante — observou ele. — Eu nunca tinha pensado por esse ângulo. Normalmente, não penso em nada.

Então ele morreu. Em geral, Jackie usava esse tempo para finalizar a papelada e preparar o recibo. Ela não fez nada. Apertou a tira de papel no punho fechado. O homem não estava mais morto.

— Desculpe. Seu recibo.

— Não precisa — disse ele, talvez ainda sorrindo.

Ela não via seu rosto bem o bastante para saber.

— Não, seu recibo. Para tudo há um método.

Ela fez um recibo com as informações que os recibos sempre continham. Um número aleatório (12.739), a qualidade da luz no momento da transação (“boa”), uma observação geral sobre o clima (“nebuloso”), seus pensamentos atuais sobre o futuro (“nebuloso, mas bom”), e um rápido esboço de como ela achava que os corações deveriam ser em vez de caroços pulsantes feitos de palha e argila que crescem como um câncer em nosso peito ao fazermos nove anos.

Ele pegou o recibo e, agradecendo, virou-se para ir embora.

— Adeus — disse ela.

“KING CITY”, disse o papel.

— Adeus — respondeu o homem com um aceno, sem dizer nada.

— Espere — pediu. — Você não me disse seu nome.

— Ah, é verdade — afirmou ele, com a mão na porta. — Meu nome é Elliott. Foi um prazer conhecê-la.

A porta se abriu e se fechou. Jackie segurava o pedaço de papel sem saber, pela primeira vez em sua vida de duração incerta, o que fazer. Sentiu que a rotina, intacta por décadas, havia sido perturbada, que algo diferente acontecera ali. Mas também não sabia por que sentia isso. Era apenas um pedaço de papel.

Ela terminou a papelada; na linha que dizia “penhorado por”, hesitou. Não se lembrava do nome dele. Nem de seu rosto. Olhou para o pedaço de papel. “KING CITY”. Jackie ergueu o olhar para observar o homem pela vitrine e tentar desemperrar a memória.

Do balcão, viu o homem de paletó bege do lado de fora. Ele corria para o deserto. Jackie mal conseguia vê-lo no limite do estacionamento iluminado. Os braços se agitavam loucamente, a pasta também. As pernas erguiam grandes nuvens de areia. A cabeça estava jogada para trás, e até mesmo de longe era possível ver o suor escorrendo pelo pescoço. Aquele tipo de corrida indicava uma fuga, não um simples deslocamento. Então ele ultrapassou o limite tênue das luzes do estacionamento e desapareceu.

Existe uma casa. Ela é igual a muitas outras. Imagine a aparência de uma casa.

Também é bem diferente de muitas outras casas. Imagine essa casa outra vez.

Como é ao mesmo tempo igual e diferente, ela é exatamente como todas as casas.

O formato é igual. Ela tem o formato de uma casa. “Sem dúvida é uma casa”, as pessoas diriam se vissem uma foto dela.

Porém, ela é diferente de outras casas por causa do formato. É um formato sutilmente anormal. “Sem dúvida é uma casa, mas há alguma coisa estranha, algo lindo, naquela casa”, as pessoas diriam se vissem uma foto dela. “Não sei se *lindo* é a palavra certa. É mais um... um... Na verdade, está me deixando nervoso. Por favor, pare de me mostrar essa foto. Por favor”, implorariam essas mesmas pessoas, instantes depois. “É uma beleza terrível, terrível, que não compreendo. Por favor, pare.”

“Tudo bem”, responderia a pessoa que estava mostrando a foto, porque talvez ela fosse boa e generosa. É difícil saber quem é bom e generoso quando não se sabe nada sobre a pessoa além do fato de que ela mostra fotos de casas por aí, mas não faz sentido ficar imaginando coisas horríveis a respeito de alguém que você não conhece.

Seria seguro presumir que essa casa é uma estrutura fechada construída por pessoas e que pertence a uma pessoa.

Seria estranho presumir que essa casa tem personalidade, alma. Por que alguém presumiria isso? É verdade. Ela tem. Mas seria estranho presumir isso. Nunca presuma esse tipo de coisa.

A casa também é diferente de outras casas porque tem pensamentos. A maioria das casas não pensa. Essa casa, sim. Os pensamentos não aparecem em fotos. Nem ao vivo. Mas sempre encontram um jeito de chegar ao nosso mundo, principalmente através dos sonhos. Enquanto alguém dorme, a casa poderia pensar de repente: *Ocre não é um catalizador emocional. É uma cor prática e sem graça. Ninguém chora ao ver um tom de ocre. Ou: Meu Deus, o tempo! O que é o tempo, afinal?* E às vezes a pessoa adormecida teria aquele mesmo pensamento.

Os pensamentos também são compartilhados no chuveiro. Pensamentos irritados. Pensamentos raivosos. Pensamentos que deveriam ser esquecidos antes de interagir com o público. Pensamentos como [*rosnado grave e gutural*] ou [*dedos estalando, mãos fechadas em punho, dentes cerrados, olhos incapazes de absorver qualquer informação nova e água escorrendo por um rosto tenso*].

Os pensamentos estão em toda a parte. Às vezes, são bastante literais e úteis. *Tem um rato roendo a parede de gesso atrás da cabeceira* poderia ser um exemplo.

Essa casa também não é diferente de outras casas porque abriga pessoas. Abriga uma mulher, no caso.

Imagine uma mulher.

Bom trabalho.

Também abriga um garoto que ainda não é bem um homem. Ele tem quinze anos. Você sabe como é.

Imagine um garoto de quinze anos.

Não. Não chegou nem perto. Tente de novo.

Não.

Não.

Certo, pare.

Ele é alto e magro, com cabelo curto e dentes longos que esconde de propósito quando sorri. Ele sorri mais do que imagina.

Imagine um garoto de quinze anos.

Não. Tente de novo.

Não chegou nem perto.

Seus dedos se movem como se ele não tivesse ossos. Os olhos se movem como se ele não tivesse paciência. A língua muda de forma todos os dias. O rosto muda de forma todos os dias. Seu esqueleto e a cor do cabelo mudam todo dia. Ele está diferente do que você se lembra. Está sempre diferente do que era antes.

Imagine.

Bom. Muito bom mesmo.

Seu nome é Josh Crayton.

O nome da mulher é Diane Crayton. É a mãe de Josh. Ela vê a si mesma no filho.

Josh tem várias aparências. Ele muda de forma constantemente. Nesse sentido, é diferente da maioria dos garotos de sua idade. Ele acha que é muitas coisas ao mesmo tempo, várias delas contraditórias. Nesse sentido, é igual à maioria dos garotos de sua idade.

Às vezes, Josh toma a forma de um pássaro, de um canguru ou de um guarda-roupa vitoriano. Às vezes, mescla seu aspecto: cabeça de peixe com presas de marfim e asas de borboleta-monarca.

“Você mudou muito desde a última vez que o vi”, sempre lhe dizem. As pessoas dizem isso a todos os adolescentes, mas são mais sinceras com Josh.

Ele não se lembra da aparência que tinha na última vez que cada pessoa o viu. Como a maioria dos adolescentes, ele sempre era o que por acaso estava sendo naquele momento, até nunca ser aquilo.

Havia uma garota de quem Josh gostava que só gostava dele quando Josh era bípede. Não é sempre que Josh quer ser bípede, por isso achou essa notícia decepcionante. Havia um garoto de quem Josh gostava que gostava dele quando Josh era um animal fofo. Josh adora ser animais fofos, mas sua noção subjetiva da

palavra *fofo* era diferente da do garoto. Foi outra decepção para Josh, e também para o garoto, que não achava centopeias gigantes nem um pouco fofas.

Diane amava Josh por todas as coisas que ele era. Ela não mudava de forma, exibindo apenas as alterações graduais que vêm com o passar gradual do tempo.

Às vezes, Josh tentava enganar Diane tomando a forma de um crocodilo, de um bando de morcegos ou de uma casa em chamas.

Diane sabia que a princípio devia manter a guarda, para o caso de realmente ser um réptil perigoso, um bando de mamíferos voadores raivosos ou uma casa em chamas. Mas, quando entendia a situação, ela se acalmava e o amava por quem o filho era e pela aparência que tinha. Não importava que aparência fosse. Afinal, ela era a mãe de um adolescente.

— Por favor, pare de guinchar e de se esconder nos armários da cozinha — pedia ela.

Era importante estabelecer limites.

Às vezes, Josh parece humano. Quando isso acontece, ele toma a aparência de um garoto baixinho e atarracado, com bochechas rechonchudas e óculos.

— É assim que você se vê, Josh? — perguntou Diane certa vez.

— Às vezes — respondeu ele.

— Você gosta da sua aparência? — insistiu Diane.

— Às vezes — replicou Josh.

Diane não o pressionou. Sentiu que as respostas curtas eram um sinal de que ele não queria conversar.

Josh gostaria que a mãe conversasse mais com ele. As respostas curtas eram um sinal de que não era bom em socializar.

— O que foi? — perguntou Josh certa noite de terça-feira.

Ele tinha pele lisa cor de violeta, queixo pontudo e ombros magros e angulosos.

A televisão não estava ligada. Um livro didático fora aberto, mas não lido. A tela do celular estava acesa, um polegar pontudo

digitava no teclado.

— Vamos conversar — pediu Diane pela fresta da porta.

Ela não queria escancará-la. Aquele não era seu quarto. Ela estava se esforçando muito. Vendera uma lágrima a Jackie naquele dia. Tinha sido agradável ver alguém valorizar explicitamente algo que ela fizera. Além disso, estava com mais despesas do que de costume naquele mês, e precisava do dinheiro. Afinal de contas, era mãe solteira.

— Sobre o quê?

— Qualquer coisa.

— Estou estudando.

— Está estudando? Não quero incomodá-lo se estiver estudando.

“Ping”, acrescentou o celular.

— Se estiver estudando, eu vou embora — disse ela, fingindo não ter ouvido o aparelho.

— O que foi? — perguntou Josh em outra noite.

Era terça-feira, ou não era terça-feira. Sua pele era laranja-clara. Ou azul-marinho. Ou havia cerdas grossas projetando-se logo abaixo dos olhos. Ou seus olhos não estavam visíveis sob a sombra dos chifres de carneiro. A maioria das noites era assim. Assim era a gradual repetição da maternidade.

A televisão não estava ligada. Um livro didático fora aberto, mas não lido. A tela do celular estava acesa.

— Como você está? — perguntava Diane às vezes.

Ou dizia:

— E aí?

Ou talvez:

— Só queria ver como você estava.

— Josh — dizia Diane em certas ocasiões, parada na porta do quarto dele, à noite.

Às vezes ela batia à porta.

— Josh — repetia, depois de alguns segundos de silêncio. — Josh — não repetia ela às vezes, após mais silêncio.

— Ponto ponto ponto — respondia Josh.

Ele não respondia em voz alta, mas como se fosse em um balão de diálogo de uma história em quadrinhos. Ele imaginava outras coisas que poderia dizer, mas não sabia como.

*Em geral, não gosto de tafetá*, pensou a casa, e Diane compartilhou esse pensamento.

— Josh — chamou ela, sentada no banco do carona do Ford hatch vinho.

— O quê? — respondeu a aranha-lobo no banco do motorista.

— Se você quer aprender a dirigir, precisa alcançar os pedais.

Duas das pernas do meio da aranha-lobo se alongaram até o piso do veículo, tocando os pedais com delicadeza.

— E ver a estrada também.

Uma cabeça humana com o rosto e o cabelo de um garoto de quinze anos saiu do corpo da aranha, e o abdome se alargou até se tornar um torso semelhante ao de um primata. As pernas continuaram finas e alongadas. Ele achava irado dirigir um carro em forma de aranha-lobo. Era mesmo irado, embora fosse difícil controlar o veículo. Josh achava importante parecer descolado ao dirigir, mas não sabia explicar por quê.

Diane olhou com cara feia para o filho. Ele assumiu uma forma humana, com exceção de algumas penas nas costas e nos ombros. Diane as viu sair pelas mangas da camisa, mas decidiu que nem todas as batalhas valem a pena.

— Forma humana quando estiver dirigindo o carro.

Diane via muito de si mesma no filho. Já fora adolescente. Entendia emoções. Ela se identificava. Não sabia com o quê, mas se identificava.

Josh bufou, mas a mãe lembrou-lhe de que, se quisesse dirigir o carro dela, teria que seguir suas regras, que envolviam não ser uma aranha-lobo de oito centímetros. Diane lembrou-lhe de que a bicicleta era um meio de transporte perfeitamente razoável.

Diane precisava de ainda mais paciência para ensinar o filho a dirigir, não só por causa da insistência de Josh na constante reavaliação de sua identidade física, mas também porque o carro tinha câmbio manual.

Imagine ensinar um adolescente de quinze anos a dirigir um carro com câmbio manual. Primeiro, você precisa pisar na embreagem. Depois deve sussurrar um segredo em um dos porta-copos. No caso de Diane, era fácil, pois ela não era uma pessoa muito sociável ou popular, e praticamente qualquer aspecto cotidiano de sua vida podia ser um segredo. No caso de Josh, era difícil, porque para adolescentes quase todas as coisas do cotidiano são um segredo que eles não querem compartilhar com os pais.

Então, após a embreagem e o segredo, o motorista deve segurar a marcha, que é uma estaca de madeira cheia de farpas enfiada no painel, e balançá-la até que alguma coisa aconteça, qualquer coisa, e ao mesmo tempo digitar um código numérico em um teclado no volante. Tudo isso enquanto agentes de óculos escuros de uma agência do governo misteriosa e ameaçadora tiram fotos (e ocasionalmente acenam) de um sedã com vidros fumê do outro lado da rua. É muita pressão para um motorista de primeira viagem.

Josh sempre ficava frustrado com a mãe, porque Diane não era uma professora muito boa. E também porque Josh não era um aluno muito bom. Além disso, havia outros motivos.

— Josh, você precisa me ouvir — pedia Diane.

— Já entendi. Já entendi, está bem? — respondia Josh, sem entender nada.

Diane gostava de discutir com Josh por causa das aulas de direção, pois era um tempo que os dois passavam conversando, se relacionando. Não era fácil ser mãe de um adolescente. Josh também gostava desses momentos, mas não de forma consciente. Por fora, estava muito infeliz. Só queria dirigir um carro, não fazer todas as coisas necessárias para isso, como ter um carro e aprender a dirigi-lo.

Às vezes ele dizia:

— Por que meu pai não pode vir me ensinar?

Porque sabia que a pergunta a magoaria. Depois se sentia mal por ter magoado a mãe. Diane também se sentia mal. Os dois ficavam sentados no carro, sentindo-se mal.

— Você está indo muito bem — disse Diane a Josh certa vez, sem se referir a nada específico, apenas tentando preencher o silêncio.

*Então não fui bem em nenhuma das outras vezes*, pensou Josh, porque não entendeu o contexto da declaração.

— Obrigado — agradeceu em voz alta, tentando preencher o silêncio com educação.

— Você ainda precisa melhorar em vários aspectos — não disse Diane. — Sinto muito por seu pai não estar aqui — também não disse. — Mas estou me esforçando muito. De verdade, Josh. Estou mesmo — não disse ela.

Diane tinha muito autocontrole para esse tipo de coisa.

*Eu dirijo muito bem*, pensava Josh com frequência, mesmo quando passava raspando pelas muretas das autoestradas, subia no meio-fio ou não dava passagem para vultos encapuzados, resultando em horas de tédio obrigatório na cidade inteira. As leis de trânsito de Night Vale são intrincadas e os motoristas têm acesso limitado a elas.

As aulas de direção sempre terminavam com um “Bom trabalho” e um “Obrigado”, seguidos de uma breve pausa e da ida para silenciosos quartos separados. Mais tarde, Diane batia à porta do filho e dizia “Josh”, e Josh respondia ou não.

Diane sofria. Não tinha consciência de que sofria, mas sofria. “Josh”, dizia ela muitas vezes por dia, por diversas razões.

Josh amava a mãe, mas não sabia por quê.

Diane amava o filho e não queria saber por quê.

A casa também é diferente de outras casas porque uma velha sem rosto mora ali em segredo, embora isso não seja importante

para esta história.

“KING CITY”, disse o papel.

Jackie nunca havia sentido medo na vida. Ela sentira preocupação, inquietação, tristeza e alegria, que são similares ao medo. Mas nunca havia sentido medo em si.

Ela não o sentiu naquele momento.

Jackie começou o processo de fechar a loja: esfregou a pia do banheiro, varreu o chão e ajustou a lona grossa que cobria os itens proibidos ou secretos, como a máquina do tempo que Larry Leroy roubara do Museu de Tecnologias Proibidas e as canetas e os lápis (pois havia muito os utensílios de escrita tinham sido declarados ilegais em Night Vale por razões de bem-estar público, embora todos os usassem na clandestinidade).

O pedaço de papel ainda estava na sua mão. Ela não tinha percebido, fizera tudo aquilo sem notar, mas ali estava ele. Ainda ali. Lápis mal apontado. Caligrafia apressada e borrada. Ela o colocou no vidro rachado do balcão.

Estava na hora de alimentar os itens vivos. Alguns dos itens estavam vivos. Alguns deles eram cachorros, outros, não.

Luzes surgiram no deserto. Círculos de luz indo e vindo baixinho no céu. Ela nunca os tinha visto antes. Ignorou-os, como ignorava tudo o que não fazia parte de sua rotina.

Em Night Vale, sempre havia coisas que Jackie nunca tinha visto. Um dia, no deserto, ela cruzou com um homem segurando uma tesoura que parecia estar tentando cortar o cabelo de um cacto. Havia também o cacto cheio de cabelo. Outro dia, a pequena rachadura que era sempre visível no céu se abriu de repente e

vários pterodátalos saíram voando por ela. Mais tarde revelaram que eram apenas pteranodontes e que todo o pânico fora à toa.

Jackie terminou de verificar o inventário. O papel estava na sua mão.

“KING CITY”, disse o papel.

Como aquilo tinha ido parar ali?

— Como isto veio parar aqui? — perguntou ela em voz alta.

Os cachorros não responderam, nem nada menos senciante.

Ela colocou o papel em uma gaveta no depósito, na mesa que ela não usava para o trabalho que não tinha.

Não havia mais nada a ser feito antes de fechar a loja. Para ser honesta, e Jackie procurava ser, ela estava procurando desculpas para não ir embora. Para ser honesta, e Jackie procurava ser, o chão já estava bem limpo. Ela olhou pela vitrine. Os círculos de luz que sobrevoavam o deserto tinham sumido. Não havia nada lá além de um avião percorrendo o céu a quilômetros de distância, com suas luzes vermelhas intermitentes, vulnerável no vasto vazio, fracos faróis vermelhos piscando a mensagem OLÁ. SOMOS UMA PEQUENA ILHA DE VIDA AQUI EM CIMA. MUITO PERTO DO ESPAÇO. REZEM POR NÓS. REZEM POR NÓS.

O papel estava na sua mão.

“KING CITY”, disse ele.

Então Jackie sentiu medo, e não sabia o que era isso.

Pela primeira vez em muito tempo, desejou ter um amigo para quem ligar. Ela tivera amigos no ensino médio, sabia disso, embora essa lembrança fosse distante e vaga. O restante de seus amigos não tinha parado nos dezenove anos. Envelheceram depois de levarem vidas plenas. Tentaram manter contato, mas foi difícil quando iniciaram as carreiras e a vida adulta, tiveram filhos e se aposentaram, e Jackie simplesmente continuou a ter dezenove anos.

“Então, ainda com dezenove?”, perguntara Noelle Connolly na última vez em que as duas conversaram ao telefone, em tom de

desaprovação. “Ah, Jackie, já cogitou fazer vinte?”

Elas eram amigas desde as aulas de espanhol no segundo ano, mas Noelle tinha cinquenta e oito anos quando enfim fizera essa pergunta a Jackie, usando um tom que lhe parecera repugnantemente paternal. Jackie tinha salientado isso, e Noelle agira de forma condescendente, então as duas desligaram e nunca mais se falaram. *Quem envelhece se acha muito sábio*, pensou. *Como se o tempo tivesse algum significado*.

O rádio ligou sozinho, e ela ficou ali, segurando o papel. O aparelho sempre fazia isso àquela hora da noite. Cecil Palmer, o locutor da Rádio Comunitária de Night Vale, falou com ela. Notícias, os eventos da comunidade, trânsito.

Ela ouvia Cecil quando podia. A maior parte da cidade ouvia. Em casa, Jackie tinha um pequeno rádio, com apenas sessenta centímetros de largura e quarenta e cinco de altura. Era uma versão portátil e leve (“menos de seis quilos!”) com alça de madrepérola, estrutura angulosa e águias de bicos abertos esculpidas nos cantos.

Sua mãe lhe dera o rádio de presente em seu aniversário de dezesseis anos, sabe-se lá há quanto tempo, e era um dos objetos preferidos de Jackie, juntamente com sua coleção de discos, que ela nunca ouvia porque ainda não tinha licença para adquirir uma vitrola.

Cecil Palmer falava sobre os horrores da vida cotidiana. Quase toda transmissão contava uma história de desgraça iminente e morte, ou pior: uma longa vida perpassada por um medo inútil da desgraça ou da morte. Jackie não ouvia porque queria saber todas as notícias ruins do mundo, mas sim porque amava se sentar na escuridão do quarto, envolvida por cobertores e ondas de rádio.

Veja bem, a vida é estressante. Isso vale para qualquer lugar. Mas a vida em Night Vale é ainda mais. Há coisas espreitando nas sombras. Não as projeções de uma mente aflita, mas Coisas literais, espreitando, literalmente, nas sombras. Conspirações escondem-se nas vitrines de todas as lojas, sob cada viela, e pairam nos

helicópteros lá em cima. Nascimentos e mortes, idas e vindas, o abismo de subjetividades e desafios entre nós e todos de quem gostamos. Tudo é tristeza, como disse certa vez um homem, sem fazer nada para mudar isso.

Mas, quando Cecil falava, era possível abstrair um pouco daquilo. Esquecer as preocupações. Esquecer as perguntas. Esquecer o esquecimento.

Entretanto, Jackie era incapaz de esquecer o pedaço de papel. Ela abriu a mão e o observou flutuar até o chão.

“Ponto ponto ponto”, disse o verso branco do papel, não literalmente, mas como se fosse um balão de diálogo de uma história em quadrinhos.

Ela olhou e olhou, e o papel ficou onde estava. Então Jackie piscou, e ele voltou para sua mão.

“KING CITY”, disse o papel.

— Isto não está me levando a lugar nenhum — declarou ela, para ninguém, para os cachorros ou para a Coisa que espreitava no canto.

Tentou ligar para Cecil na estação para descobrir se ele tinha ouvido falar a respeito de um homem de paletó bege com uma pasta de couro de veado. Não lembrava se Cecil já mencionara uma pessoa com aquela descrição no programa, mas valia a pena tentar.

Um dos estagiários atendeu, prometendo anotar o recado, mas como saber se o pobrezinho sequer ia sobreviver tempo o bastante para passá-lo?

— Obrigada — disse ela. — Ei, ouça, acho que o Arby's está contratando. Já pensou nisso? A taxa de mortalidade deles é bem baixa para a região.

Mas o garoto já tinha desligado. Paciência, não era sua função se preocupar com a vida de todo mundo que tinha a audácia de ser estagiário da rádio comunitária.

A loja estava bem e verdadeiramente fechada. Àquela altura, se ela continuasse esperando, faria mais sentido abrir um saco de

dormir no chão e passar a noite ali. Nem pensar. Então saiu e foi para o estacionamento, mesmo estando apreensiva.

Havia um sedã preto com vidro fumê no fim do estacionamento. As janelas se abriram o suficiente para que ela visse dois agentes de óculos escuros de uma agência do governo misteriosa e ameaçadora observando-a com atenção. Um deles segurava uma câmera que não parava de disparar, mas o homem não parecia saber como desligar o flash. A luz nas janelas escuras inutilizava as fotos, e o agente praguejava, tentava de novo, e o flash voltava a disparar. Ela lhes deu boa-noite com um aceno, como sempre fazia.

Talvez devesse levar a Mercedes para casa. Dirigir com a capota abaixada, ver que velocidade alcançaria antes de a Polícia Secreta do Xerife pará-la. Mas nunca faria isso, é claro. Jackie foi até seu carro, um Mazda cupê azul com duas listras vermelhas, que devia ter sido lavado em algum momento antes de ser seu.

— King City — disse ela.

O papel em sua mão concordou.

Havia sido um erro aceitar o item que o homem de paletó bege lhe oferecera. Ela não sabia o que era aquilo, o que significava, que informação estava tentando passar e para quem. Mas sabia que alguma coisa tinha mudado. O mundo estava se infiltrando em sua vida, e ela precisava expulsá-lo, começando pelo pedaço de papel e pelo homem de paletó bege.

Jackie anunciou suas intenções, como todos os cidadãos de Night Vale devem fazer.

— Vou encontrar o homem de paletó bege e fazê-lo aceitar este papel de volta — disse ela. — Se conseguir fazer isso sem precisar descobrir nada sobre ele ou sobre o significado deste papel, melhor ainda.

Os agentes no carro, com os indicadores encostados no ponto do ouvido, anotaram tudo com cuidado.

Lá no deserto, círculos de luz voavam rentes ao chão. Ouviu-se o eco de uma multidão discutindo e depois aplaudindo. Por um

momento, um prédio alto, feito de vidro, ângulos e atividade comercial, surgiu onde antes claramente não havia nada além de areia, depois desapareceu, e mais luzes apareceram, movendo-se, distorcendo o ar ao seu redor. E o eco das multidões. E as luzes.

Ela engatou a ré no carro e pegou a autoestrada. Jogou o papel pela janela e observou satisfeita quando ele flutuou noite adentro, ficando para trás. E então, ao estalar os dedos, pegou-o entre eles, onde estava, onde sempre esteve.



## A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: Olá, ouvintes, aqui é Cecil, sua voz da escuridão, o sussurro na noite vazia, falando com você de uma cabine da estação da Rádio Comunitária de Night Vale. Estou aqui para relatar as notícias e os acontecimentos da nossa comunidade que você precisa saber, e omitir todo o conhecimento proibido e perigoso.

Agora, as notícias.

Há luzes sobre nossa cidade. Não estou falando das estrelas. Ninguém sabe o que são as estrelas ou o que pretendem, mas desde as lembranças mais remotas dos habitantes elas permaneceram basicamente no mesmo lugar e não deram indícios de serem perigosas. Os astrônomos estão sempre tentando explicar que as estrelas são sóis distantes em galáxias distantes, mas, claro, é preciso ouvir tudo o que eles dizem com certa dose de desconfiança.

Mas as novas luzes não são estrelas. São círculos de luz ziguezagueando pelo céu. Não são as mesmas luzes que às vezes pairam centenas de metros acima do Arby's. Aquelas luzes são diferentes. Nós entendemos aquelas luzes. As novas luzes, entretanto, são preocupantes.

Testemunhas relataram que, quando comentavam sobre as luzes, elas mudavam de cor. Alguém dizia algo como "Ah, vejam aquelas luzes laranja" e apontava. De repente as luzes ficavam amarelas, e os amigos daquela pessoa respondiam: "Não, na verdade são amarelas", mas aí as luzes voltavam a ser laranja. E assim por diante.

Esse testemunho foi dado por Chris Brady e Stuart Robinson, moradores da Cidade Velha. Chris acrescentou: "O que você acha? São laranja, não são?" Então as luzes voltaram a ser amarelas, e Stuart concluiu: "Por que você acha tão importante estar sempre certo, Christopher?", antes de ir embora, furioso, seguido por Chris, que pedia desculpas.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Welcome to Night Vale"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).